

decoreação / 136
em casa de...

A beleza da luz natural que invade a casa através das enormes janelas fascinou de imediato o empresário.



Anthony Smith é um apaixonado pela vida rural, e o arna do renascimento de imensas mais bonitas do plano de Entre Douro e Minho.

Anthony SMITH

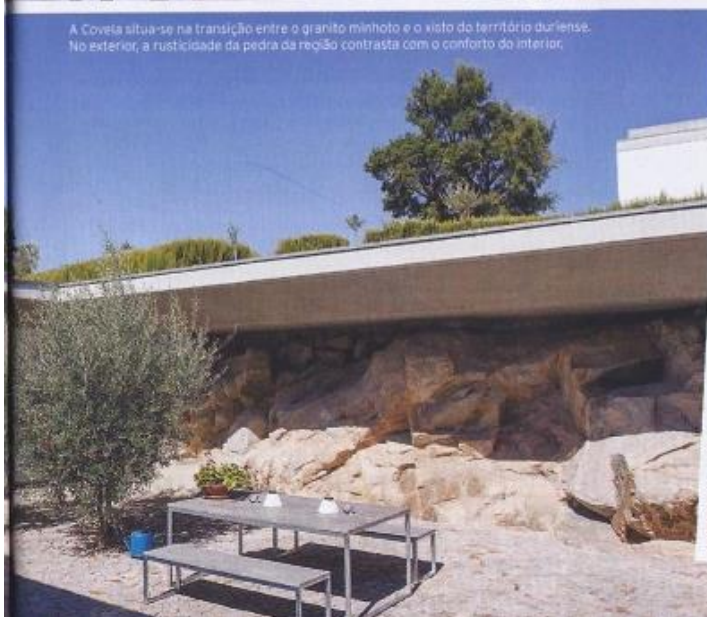
Tony, como é conhecido entre os amigos, já viveu em muitos locais, de Portugal ao Brasil. Agora vive no Douro, onde relançou os vinhos Quinta de Covela. Conta-nos, na primeira pessoa, como foi redecorar este espaço...

Por Anthony Smith. Fotografias Ana Paulo Carvalho

O aquecimento 'invisível', instalado no chão, deixa a casa quente no inverno. No verão, não há necessidade de usar ar condicionado graças ao posicionamento inteligente da casa.



A Covela situa-se na transição entre o granito minhoto e o visto do território duriense. No exterior, a rusticidade da pedra da região contrasta com o conforto do interior.



Os visuais de todos os espaços têm um fio condutor que reflete claramente os gostos de Anthony Smith.





decoração

O mobiliário é uma mistura de peças de produtores italianos, como BSB Italia, Minotti, Zanotta e Cappellini, com móveis desenhados pelo proprietário e produzidos pela RS Móveis, em Paços de Ferreira.

Na primeira vez que visitei a Quinta de Covela, no final de 2009, lembro-me de ter entrado numa das salas das três casas modernas debruçadas sobre o rio Douro, na altura recém-construídas e vazias, e de ter ficado impressionado com a beleza da luz natural que invadia a casa, através das enormes janelas que formam duas das quatro paredes exteriores das moradias. E isto apesar de estar – lembro-me perfeitamente – um dia inóspito, chuvoso, ventoso, enfim, triste. Pensei como seria viver numa destas casas modernas, eu que sempre tive uma queda por arquitetura e casas antigas. Hoje em dia, já sei a resposta: desde há um ano, esta é a minha residência principal e deixei-me conquistar pelo conforto de viver numa casa moderna, com assinatura de um arquiteto reconhecido – José Paulo dos Santos – e com todas, como costumamos dizer no meu país nativo, a Grã-Bretanha, as 'conveniências modernas', como o aquecimento 'invisível', embutido no piso, a 'desnecessidade' de ligar o ar condicionado no verão graças ao posicionamento inteligente da casa, a água aquecida por um sistema solar (faz bem à consciência ecológica) e, claro, a luz e a vista deslumbrantes do rio Douro, que fazem bem à alma. Sou um privilegiado, admito, por ter trocado São Paulo, metrópole de quase 20 milhões de habitantes, por São Tomé de Covelas, que talvez nem 100 habitantes tenha. Fascina-me o contraste entre a minha vida urbana passada e a rural que tenho hoje. Também gosto do contraste entre esta casa e os edifícios nos quais passo grande parte dos meus dias de trabalho – o núcleo de casas da Quinta de Covela: a adega com as suas barricas suspensas, o armazém que é chamado 'vacaria' devido à sua antiga função, os terraços e o salão nobre da casa desenhada em tempos pelo cineasta Manoel de Oliveira, um dos antigos proprietários da quinta. Enquanto decoração, tentei que os visuais de todos estes espaços tivessem um fio condutor que refletisse os meus gostos, mas respeitando os estilos arquitetónicos de cada casa – um princípio sagrado que aprendi com Maria Aura Troçoço, uma das grandes *designers* de Portugal e uma grande inspiração para mim. Na quinta, tentei utilizar peças que tivessem contexto histórico na propriedade. Por exemplo, áreas de carvalho onde se guardava o milho viraram aparadores ideais para provas de vinho, garrafas antigas dos vinhos Covela servem de *abat-jours* nos lustres formados por tubos de cobre. Foi um desafio tentar transmitir um espírito próprio a todos os espaços. E, agora, aproxima-se o maior de todos os desafios: vamos começar a recuperar e a adaptar as ruínas do antigo solar Casa de Covela, datado do séc. XVI. ●



A cozinha de uma das três moradias modernas da Covela. A propriedade tem ainda duas casas de quinta e diversas ruínas históricas.

A água é aquecida por um sistema solar.





OS VINHOS

Os novos proprietários da Quinta de Covela entregaram novamente a responsabilidade dos vinhos ao enólogo Rui Cunha, envolvido no projeto desde o início. Renovaram a adega e recuperaram as vinhas, com a consultoria de Gonçalo Sousa Lopes e de acordo com os princípios da agricultura biológica. O objetivo é reforçar a presença das castas nacionais como o Avesso e o Arinto. É, aliás, com Avesso que é feito o primeiro vinho verde, recentemente lançado. A produção dos tintos e dos rosés, que a quinta já comercializava, irá manter-se. Mas a ideia é ir aumentando a quota de brancos, respeitando o estilo e o carácter que tornaram famosos os vinhos de Covela. Vinhos secos de forte personalidade e cheios de frescura. A.C.M.